

21 de abril de 1949

MEIO DE SEMANA

Esses grossos volumes do *Journal* de Gide podem ser relidos e isso que é, afinal, o melhor teste para qualquer obra literária, bem raramente acontece com a maioria dos livros. Poderíamos enumerar os poucos volumes de prosa que possuem esse condão de guardar por muito tempo, intactas e palpitantes, as suas virtudes da primeira hora. Nem sempre, como no caso do *Journal*, parecem inesgotáveis porque surgiram da vida e da observação espontâneas, foram criados pedra por pedra ao longo de um trecho de existência suficientemente rica de relações e de lirismo, como é o caso de André Gide. Às vezes são obras quase que de paciência, de extremado pensamento, de rigorosa seleção. E como esses produtos espontâneos da profundidade insuspeitada da vida humana, também possuem a vaga magia que perdura e insiste, impede que os esqueçamos tão depressa como a maioria das coisas que passam pelo universo dos nossos sentidos. O caso de Valéry é típico. Foi a maior demonstração de fria lucidez, pelo menos na crença e no desejo desse espírito fascinado pela geometria da pura inteligência.

Gide é uma força viva sem orgulho. Poderá estar muito batida a imagem, mas o seu mundo lembra as fontes no momento inaugural de seu jorro, quase sempre oculto entre as pedras, mal balbuciando de início a secreta canção da vida. Por isso a sensação de permanente surpresa no *Journal*. O espírito já subordinado à vocação de fonte, serve à fonte da existência perene que palpita em torno e a cada momento se renova num desdobrar de gestos e de atmosferas, de climas e de acontecimentos. Dia a dia Gide foi escrevendo, tomando nota de coisas, fixando impressões, guardando páginas soltas que não caberiam em nenhum outro caminho dos muitos de seu espírito. E os volumes do *Journal* apareceram, continuam ainda, são hoje realização e promessa, porque já estão em nossas estantes e ainda surgirão outros volumes.

Em certa passagem Gide confessa que, ao desejar escrever alguma coisa com suficiente cuidado, gastando na sua realização bastante tempo e muita paciência literária, verifica depois que as páginas saídas desse esforço não correspondem à natural expectativa. Com tanto trabalho, quase sempre a coisa sai deformada ou, no juízo do autor, medíocre. Entretanto, quando ele escreve como que sem querer, rapidamente, assim como se não fosse assinar o seu nome ao fim da página, verifica depois que conseguiu fazer alguma coisa infinitamente mais agradável que todas aquelas nas quais gastou o melhor de seu esforço!

Essa confissão é o elogio involuntário ao *Journal*. Este foi feito sem idéia preconcebida para cada assunto, para cada texto, para cada visão que a vida oferecia ao escritor sem lhe dar tempo de pensar e imaginar a melhor maneira de escrever sobre o tema. Saiu assim a obra espontânea de que nos fala Gide num de seus momentos de sinceridade comunicativa, com o leitor anônimo. Obra que possui, como as fontes, as plantas e as nuvens, as qualidades sensíveis de tudo quanto brota naturalmente sobre a face do mundo e a superfície impalpável do espírito humano. Essa música inesgotável que as fontes murmuram sempre, essa oscilação misteriosa das árvores, a cor das nuvens que se renova e desmaia a cada momento de nossa contemplação.